

Domingo V do Tempo Pascal - Ano C – 18 maio 2025

Missa do início do Pontificado do Papa Leão XIV



Viver a Palavra

Jesus Cristo, o Ressuscitado, irrompe no tempo e na história como absoluta e eterna novidade, fazendo novas todas as coisas: *«eu, João, vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido, e o mar já não existia».*

Aquele que vive e que nos faz viver de um modo novo oferece-nos a certeza de que a Sua presença no meio de nós transforma toda a nossa existência, enxugando as lágrimas dos nossos olhos e convertendo o nosso luto e dor em alegria e esperança. Ele garante-nos: *«vou renovar todas as coisas».*

Renovados e transfigurados pela Sua graça, reconhecemos que o nosso desejo de vida em plenitude só encontra realização na alegria do Ressuscitado. Como Paulo e Barnabé, reconhecemos que a ressurreição de Jesus e a certeza do Seu infinito amor nos impelem a sair de nós próprios e comunicar a todos a certeza da vida nova que Dele recebemos. Deste modo, como eles, haveremos de contemplar de modo novo as maravilhas de Deus e caminharemos com renovada esperança, mesmo entre as desgraças e misérias do nosso tempo: *«se Ele vive, isso é uma garantia de que o bem pode triunfar na nossa vida e de que as nossas fadigas servirão para qualquer coisa. Então podemos deixar de nos lamentar e podemos olhar em frente, porque com Ele é possível sempre olhar em frente. Esta é a certeza que temos: Jesus é o vivente eterno; agarrados a Ele, viveremos e atravessaremos, ilesos, todas as formas de morte e violência que se escondem no caminho»* (Christus Vivit, 127). Mas este Reino, que será em plenitude apenas no Céu, deve começar a ser construído no aqui e agora do tempo e da história. Deus conta connosco para a construção de um mundo novo e envia-nos como testemunhas do Seu amor.

O Evangelho deste Domingo oferece-nos as coordenadas fundamentais para a construção dos novos céus e da nova terra, desse mundo novo, que Deus quer instaurar em nós e, através de nós, no mundo. Sentado à mesa com os Seus discípulos, no Seu discurso de despedida, Jesus confia-lhes o mandamento novo do amor, assegurando que esse será o Seu ADN cristão: *«nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros».*

O amor é a imagem de marca de Deus e será a marca dos gestos e ações daqueles que desejam ser Seus discípulos! Se queremos reconhecer se uma obra tem a marca de Deus, ela tem de ter a marca do amor, pois esse é todo o Seu ser e agir. Deste modo, assim há de ser com todos aqueles são batizados em Cristo. Configurados com a vida nova do Ressuscitado, hão de configurar toda a sua vida a partir do amor, acolhendo o mandamento novo como norma de todo o seu agir.

A novidade deste mandamento consiste precisamente no *«como»*: *«como Eu vos ameí, amai-vos também uns aos outros».* Jesus não foi um teórico do amor, apresentando belos discursos sobre o modo de amar. Jesus afirmou *«quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo»* (Mt 20,26) e na Última Ceia assumindo a condição de servo lavou os pés aos Seus discípulos. Declarando *«ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos»* (Jo 13,15), entregou-se até ao fim, dando a vida por nós na Cruz. Jesus acompanha as suas palavras com gestos concretos de amor e misericórdia, mansidão e humildade e por isso, nos exorta a amar os irmãos como Ele próprio nos amou. Ensina-nos que na lógica da vida cristã o verbo amar se conjuga sempre com o verbo *«dar»* e *«dar-se».*

Deste modo, na vida cristã, amar não é mais uma coisa a fazer, mas o modo como fazemos todas as coisas. Contudo, a radicalidade deste convite não nos deve desanimar. Olhando as nossas fragilidades, reconhecemos que amar ao jeito de Jesus nos coloca sempre a caminho, numa tarefa inacabada e, por isso, em estado permanente de missão. *in Dehonianos*

+++++

A **Liturgia da Palavra deste V Domingo da Páscoa** apresenta o mandamento novo do amor como distintivo do nosso ser cristão: «*nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*». Este amor que constitui a nossa identidade e molda o nosso agir não é mais uma coisa a fazer, mas o modo como fazemos todas as coisas. A caridade cristã não pode resumir-se a boas intenções ou um epidérmico sentimento de compaixão, mas atitudes concretas que exprimem o amor oblativo que contemplamos em Jesus. Deste modo, a caridade constitui a identidade da comunidade cristã que deve ser um lugar de acolhimento e exercício do amor que recebemos de Jesus. Por isso, a conversão pastoral e missionária a que cada comunidade cristã é chamada deve encontrar lugares concretos exercício da caridade cristã.

+++++

A **caminho do Pentecostes**, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Atos 14,21b-27

Naqueles dias,

Paulo e Barnabé voltaram a Listra, a Icónio e a Antioquia.

Iam fortalecendo as almas dos discípulos

e exortavam-nos a permanecer firmes na fé,

«porque – diziam eles – temos de sofrer muitas tribulações para entrarmos no reino de Deus».

Estabeleceram anciãos em cada Igreja,

depois de terem feito orações acompanhadas de jejum,

e encomendaram-nos ao Senhor, em quem tinham acreditado.

Atravessaram então a Pisídia e chegaram à Panfília;

depois, anunciaram a palavra em Perga e desceram até Atalia.

De lá embarcaram para Antioquia,

de onde tinham partido, confiados na graça de Deus,

para a obra que acabavam de realizar.

À chegada, convocaram a Igreja,

contaram tudo o que Deus fizera com eles

e como abrisse aos gentios a porta da fé.

CONTEXTO

A partir de 13,1 o livro dos Atos dos Apóstolos descreve a grande aventura missionária que levou o Evangelho a ser anunciado no mundo greco-romano, até atingir Roma, o coração do império romano. Os primeiros grandes agentes da missão foram Paulo e Barnabé. Lucas acredita que, quando a comunidade cristã de Antioquia da Síria decidiu enviar Paulo e Barnabé em missão, o fez para corresponder a uma indicação do Espírito Santo (cf. At 13,2). A Igreja, guiada pelo Espírito, é chamada a dar testemunho no mundo de Jesus e do Evangelho.

Paulo e Barnabé partiram para a sua primeira grande viagem missionária por volta do ano 46. Depois de deixarem Antioquia da Síria dirigiram-se, por barco, para a ilha de Chipre, até à cidade de Pafos. Acompanhava-os João Marcos. De Pafos, os missionários continuaram, também por barco, para a costa da Ásia (atual Turquia), onde João Marcos os abandonou. Daí seguiram para Antioquia da Pisídia, e depois para Icónio, Listra e Derbe. O esquema era sempre o mesmo: chegados a determinada cidade, Paulo e Barnabé dirigiam-se à sinagoga e falavam de Jesus à comunidade judaica. Frequentemente eram mal recebidos e tinham de deixar a cidade apressadamente. Em Antioquia da Pisídia aconteceu um facto relevante: face à contestação dos judeus, Paulo e

Barnabé resolveram apresentar a proposta de Jesus aos pagãos: estes pareciam mais disponíveis para acolher o Evangelho (cf. At 13,44-52).

O texto que a liturgia deste domingo nos propõe como primeira leitura conta-nos os últimos passos de Paulo e Barnabé antes de regressarem a Antioquia da Síria, de onde tinham partido. Esta primeira viagem missionária de Paulo durou cerca de três anos. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Notemos, antes de mais, a forma como a comunidade cristã de Antioquia da Síria primeiro, e Paulo e Barnabé depois sentem e abraçam o desafio missionário. Tinham encontrado Jesus e tinham experimentado como Jesus lhes abria horizontes novos. Apaixonados por Jesus e pelo seu projeto, sentiam necessidade de o levar a todos os homens e mulheres, para que todos pudessem fazer uma experiência libertadora semelhante à que eles tinham feito. “Ai de mim se eu não evangelizar!” (1Cor 9,16) – dizia Paulo. Se não nos apetece falar daquilo que nos apaixonou, é porque não estamos apaixonados; se não sentimos necessidade de falar aos nossos irmãos do projeto de Jesus, é porque não estamos agarrados por ele; se não anunciamos Jesus ressuscitado, com as nossas palavras e com a nossa vida, é porque Jesus não tem um lugar determinante no caminho que percorremos. O nosso mundo precisa de escutar a Boa nova de Jesus. Não apenas nos países onde o Evangelho ainda não chegou, mas também nos países onde o Evangelho está esquecido. Há, nas nossas comunidades cristãs, este ardor missionário? Sentimo-nos enviados de Jesus a qualquer lado onde a vida nos leva? Somos testemunhas entusiastas de Jesus, que espalham por toda a parte o contágio do Evangelho?
- Paulo e Barnabé tinham consciência de que a decisão por Jesus tem de ser renovada e alimentada a cada passo. Por isso, decidiram, no final da sua primeira viagem missionária, rever as jovens comunidades cristãs nascidas nos lugares onde tinham pregado e animá-las na sua adesão a Jesus. Isto recorda-nos a necessidade de, a cada passo, renovarmos a nossa adesão a Jesus. Não basta termos, um dia, sido batizados; nem basta termos feito a primeira comunhão ou o crisma; nem basta termos celebrado na igreja o nosso matrimónio; nem sequer basta “de vez em quando”, de forma relutante, reunirmo-nos com a nossa comunidade cristã para celebrar a eucaristia. A fé renova-se e alimenta-se caminhando todos os dias atrás de Jesus, escutando continuamente as suas palavras, aprendendo a cada momento com os seus gestos, abraçando a cada instante o seu estilo de vida, os seus valores, as suas propostas. Como é que vivemos o nosso compromisso cristão? É um compromisso que renovamos todos os dias? Alimentamo-lo a cada passo com a escuta de Jesus e a partir de um diálogo constante com Jesus?
- Lucas sugere, neste texto, que o anúncio do Evangelho não é uma obra da comunidade de Antioquia da Síria, de Paulo ou de Barnabé, mas é obra de Deus. É Deus que age por intermédio de uma comunidade ou de determinadas pessoas para oferecer ao mundo e aos homens o seu projeto de salvação. Paulo e Barnabé são pessoas que receberam de Deus uma missão; mas a missão não é deles. Aqueles que Deus envia a anunciar a Boa nova não têm “carta branca” para propor ao mundo as suas próprias ideias, uma determinada ideologia, uma visão pessoal do mundo e da vida; eles são simplesmente testemunhas de Jesus e do projeto de Jesus. Estamos convencidos de que a missão é obra de Deus e que por detrás do nosso trabalho e do nosso testemunho está Deus? Anunciamos a Cristo libertador, ou anunciamo-nos a nós?
- No seu labor missionário, Paulo e Barnabé nunca se subtraíram a esforços. Deram tudo, trabalharam dia e noite, afrontaram todos os perigos e cansaças, a fim de que Jesus pudesse chegar ao coração das gentes. Movia-os a paixão pelo Evangelho, mas também a solicitude pelos homens e mulheres que aguardavam a salvação de Deus. É dessa forma que procedem hoje aqueles a quem Deus confiou o cuidado pastoral das nossas comunidades cristãs? Aqueles que procuram Jesus encontram, nos animadores das nossas comunidades cristãs, um acolhimento solícito e fraterno? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 144

Refrão 1: Louvarei para sempre o vosso nome, Senhor, meu Deus e meu Rei.

Refrão 2: Aleluia.

**O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade.**

**O Senhor é bom para com todos
e a sua misericórdia se estende a todas as criaturas.**

**Graças Vos deem, senhor, todas as criaturas
e bendigam-Vos os vossos fiéis.**

**Proclamem a glória do vosso reino
e anunciem os vossos feitos gloriosos.
Para darem a conhecer aos homens o vosso poder,
a glória e o esplendor do vosso reino.
O vosso reino é um reino eterno,**

LEITURA II – Apocalipse 21,1-5a

**Eu, João, vi um novo céu e uma nova terra,
porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido
e o mar já não existia.**

**Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém,
que descia do Céu, da presença de Deus,
bela como noiva adornada para o seu esposo.**

Do trono ouvi uma voz forte que dizia:

«Eis a morada de Deus com os homens.

Deus habitará com os homens:

eles serão o seu povo

e o próprio Deus, no meio deles, será o seu Deus.

Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos;

**nunca mais haverá morte nem luto, nem gemidos nem dor,
porque o mundo antigo desapareceu».**

Disse então Aquele que estava sentado no trono:

«Vou renovar todas as coisas».

CONTEXTO

O “corpo” central do livro do Apocalipse (cf. Ap 4,1-22,5) apresenta uma reflexão sobre o sentido da história humana. Nela, um “profeta” cristão chamado João, exilado na ilha de Patmos durante a perseguição movida pelo imperador Domiciano, interpreta a história dos homens à luz do projeto de Deus. Recorrendo à linguagem sempre expressiva dos símbolos, João descreve a luta entre o Bem e o Mal, as forças de Deus e as forças que se opõem ao projeto de Deus. Trata-se, afinal, das vicissitudes e dificuldades que nós conhecemos bem, os problemas e contrariedades que o Povo de Deus enfrenta todos os dias ao longo do seu caminho histórico. João tem a certeza que o Mal não prevalecerá; a vitória final será de Deus e dos seus “santos”. Os impérios humanos desaparecerão, os ditadores arrogantes ficarão pelo caminho, os grandes do mundo não determinarão o sentido da história dos homens.

No final do longo caminho histórico dos homens, está Deus e o seu projeto de salvação plenamente realizado. A humanidade não caminha para um beco sem saída e sem esperança; caminha ao encontro de uma nova terra e de um novo céu, onde habitam a justiça e a paz. É essa a realidade que espera todos os filhos de Deus que, apesar da perseguição e dos obstáculos, se mantiveram fiéis ao Cordeiro (a Jesus).

Esse mundo novo que é a meta última da história dos homens, é simbolicamente apresentado em dois quadros (cf. Ap 21,1-8 e 21,9-22,5). O texto que a liturgia deste quinto domingo pascal nos apresenta como segunda leitura traz-nos o primeiro desses quadros. A imagem de um novo céu e de uma nova terra, aqui utilizada por João, não é totalmente original: aparece já em Is 65,17 e em 66,22. A mesma ideia aparece também na literatura apocalíptica (cf. Henoch, 45,4-5; 91,16; 4 Esd 7,75) e em certos textos do Novo Testamento (cf. Mt 19,28; 2 Pe 3,13). Contudo João apresenta-a, neste quadro, de uma forma absolutamente genial. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Para onde caminha a comunidade nascida de Jesus e que, por Jesus, enfrenta a incompreensão e a perseguição do mundo? Onde está o seu horizonte último, a sua meta final? João, o autor do livro do Apocalipse, deixa-nos uma bela perspectiva do futuro que nos espera: depois de concluído o nosso caminho nesta terra, estamos destinados a encontrar-nos com Deus numa “cidade” renovada, de onde a sofrimento, a debilidade, o luto, a lamentação e a morte estarão definitivamente banidos. Deus residirá connosco. Seremos uma humanidade recriada, conheceremos a vida em plenitude. Os maus, os violentos, os injustos, os opressores, os que todos os dias derramam o sangue de tantas vítimas inocentes, não terão a última palavra sobre o nosso destino; a nossa peregrinação pela terra não terminará no fracasso e no sem sentido; aqueles que desfeiam o mundo com o seu egoísmo não sairão vencedores. Sabemos para onde caminhamos e estamos convictos de que, no final do caminho, nos espera a vida verdadeira? Essa “revelação” fortalece a nossa esperança e dá-nos a força para vencer os obstáculos que encontramos todos os dias?
- Houve quem acusasse os discípulos de Jesus de viverem de olhos postos no céu, alheados das realidades do dia a dia, descomprometidos com a construção de um mundo mais justo. É possível

que, num ou noutro caso, esta acusação tenha razão de ser; mas, na verdade, não é esse o sentido da proposta cristã. Jesus combateu todas as estruturas do mundo velho que geravam pecado e morte; e quis que os seus discípulos, pelo tempo fora, vivessem comprometidos com a construção do reino de Deus. “Seguir Jesus” é lutar objetivamente contra tudo aquilo que gera injustiça, violência, mentira e sofrimento; “seguir Jesus” é combater as estruturas de pecado que roubam a dignidade e a vida a tantos e tantos dos nossos irmãos. Embora acreditando no “novo céu” e na nova terra” que nos esperam no final do nosso caminho, estamos comprometidos com a construção, aqui e agora, desse mundo mais justo, mais pacífico e mais humano que Jesus nos pediu?

- A Igreja, comunidade nascida de Jesus, é chamada a ser, no meio do mundo, um anúncio dessa comunidade escatológica, bela e sem mancha, de que fala o autor do livro do Apocalipse. É-o de facto? Sabemos que a Igreja que peregrina na terra é, ao mesmo tempo, santa e pecadora; mas todos compreendemos, por outro lado, que as divisões, os conflitos, as discussões estéreis, as vaidades, as ambições, as faltas de misericórdia, a indiferença face aos mais frágeis, são chagas que desfeiam o rosto da Igreja e a impedem de dar testemunho do mundo novo que nos espera. O que é preciso fazer para que a nossa comunidade cristã possa ser testemunha credível da comunidade de “santos” que se reunirá à volta de Deus no mundo que há de vir? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – João 13,31-33a.34-35

**Quando Judas saiu do cenáculo,
disse Jesus aos seus discípulos:**

**«Agora foi glorificado o Filho do homem
e Deus glorificado n’Ele.**

**Se Deus foi glorificado n’Ele,
Deus também O glorificará em Si mesmo
e glorificá-l’O-á sem demora.**

**Meus filhos,
é por pouco tempo que ainda estou convosco.**

**Dou-vos um mandamento novo:
que vos ameis uns aos outros.**

**Como Eu vos amei,
amai-vos também uns aos outros.**

**Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos:
se vos amardes uns aos outros».**

CONTEXTO

O Evangelho do quinto domingo da Páscoa situa-nos em Jerusalém, numa noite de quinta-feira do mês de Nisan do ano trinta, um dia antes da celebração da Páscoa judaica. Jesus está à mesa com os seus discípulos, numa inolvidável ceia de despedida.

Sobre Jesus e o seu grupo de discípulos paira a sombra da cruz. Nessa noite, após a ceia, Jesus atravessará o Vale do Cedron, a oriente da cidade, e dirigir-se-á ao Getsemani (“lagar de azeite”), um jardim situado no sopé do Monte das Oliveiras, onde estará alguns momentos em oração. Aí será preso pelos soldados do Templo. Durante essa noite comparecerá diante do Sinédrio, será julgado e condenado à morte. Na manhã do dia seguinte, depois de a sentença ser confirmada pelo governador romano, será crucificado.

Enquanto convive, à mesa, com os discípulos, Jesus está perfeitamente consciente do que o espera nas próximas horas. Não está preocupado com o que lhe vai acontecer: quando aceitou o projeto do Pai e começou a anunciar o Reino, Ele sabia os riscos que iria correr; mas preocupa-se com aqueles discípulos que estão com Ele à mesa nessa noite de quinta-feira... Que será deles quando o seu Mestre lhes for tirado? Poderão, sem Jesus a mostrar-lhes o caminho a cada passo, levar para a frente o projeto do Reino? Saberão discernir, no meio das crises e tempestades que terão de enfrentar, o que é importante e o que é secundário?

O ambiente dramático dessa ceia é acentuado pela presença de um discípulo traidor, que combinou entregar o seu Mestre às autoridades judaicas. Jesus sabe-o e, durante a ceia, alude a isso. A dada altura Judas, o discípulo traidor, abandona a sala. É de noite, hora de trevas e de temores. Jesus permanece ainda mais algum tempo à mesa a conversar com os outros discípulos. O tempo começa a esgotar-se. Jesus aproveita o pouco tempo que lhe resta para lembrar aos discípulos o essencial da mensagem que procurou transmitir-lhes enquanto percorria com eles os caminhos da Galileia e da Judeia. Tudo o que foi dito nessa noite, à volta da mesa, soa a “testamento final”. Os discípulos nunca mais o esquecerão. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Naquela hora decisiva em que se despediu dos discípulos, a hora da verdade absoluta, a hora de pôr todas as cartas na mesa, Jesus disse-lhes: “dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns

aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos”. Este é o coração do testamento de Jesus, o seu “mandamento” único, a sua proposta mais decisiva. Desde aquela ceia de despedida, passaram-se mais de dois mil anos. Ao longo desse tempo, a comunidade de Jesus que caminha na história foi acumulando um enorme tesouro de experiências e vivências, de teorias e doutrinas, de leis e preceitos, de palavras decisivas e de palavras dispensáveis, de valores eternos e de valores datados, de coisas belas com a marca da eternidade e de coisas feias que têm e ferrugem do tempo. A tudo isso juntou-se o pó acumulado pelos séculos que, por vezes, cobre tudo e não deixa ver o essencial. O Evangelho deste domingo convida-nos a redescobrir o essencial da proposta de Jesus. O que é que está no centro da nossa experiência cristã? Que valor tem, na nossa maneira de viver a fé, o mandamento de Jesus sobre o amor? A nossa religião é a religião do amor, ou é a religião das leis, das exigências, dos ritos externos, do cumprimento de preceitos? Com que força nos impomos no mundo: com a força do amor e do serviço simples e humilde, ou com a força da autoridade prepotente e dos privilégios?

- A palavra “amor” tem, hoje, muitos significados e pode ser equívoca. Tanto é usada para falar de algo muito belo, como para definir comportamentos egoístas, interesseiros e sórdidos, que usam o outro, que fazem mal, que limitam horizontes, que roubam a liberdade, que destroem a vida do outro... O amor de que Jesus fala quando se dirige aos discípulos naquela ceia de despedida, é o amor que acolhe, que cuida, que se faz serviço simples e humilde, que respeita absolutamente a dignidade e a liberdade do outro, que não discrimina nem marginaliza seja quem for, que não fica indiferente ao sofrimento do outro, que se faz dom total para que o outro tenha mais vida, que gera comunhão e fraternidade. O episódio do lava-pés, na última ceia de Jesus com os discípulos, poderia perfeitamente ser o ícone do amor, tal como Jesus o entendeu e o viveu. É este o amor que vivemos e que testemunhamos?
- Para Jesus, é o amor que identifica os seus discípulos: “nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. As nossas comunidades cristãs têm de ser oásis de amor, de comunhão, de fraternidade, no meio de um mundo onde a violência, a agressividade, a indiferença e a prepotência procuram impor-se. O amor, o serviço, o acolhimento e a misericórdia têm de ser a marca que nos identifica. Na realidade, é isso que acontece? Nos nossos comportamentos e atitudes uns para com os outros, os homens descobrem a presença do amor de Deus no mundo? Amamos mais do que os outros e interessamo-nos mais do que eles pelos pobres e pelos que sofrem? Aqueles que a sociedade discrimina e deixa abandonados nas margens dos caminhos do mundo são acolhidos, integrados, defendidos, nas nossas comunidades cristãs? Os “diferentes” são tratados por nós como irmãos quando se aproximam da comunidade cristã? Os espaços onde nos reunimos para rezar e para programar a vida das nossas comunidades são casas de comunhão, ou lugares de intriga e de conflito? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A primeira leitura apresenta um conjunto de nomes de cidades que exigem uma boa preparação para uma correta pronúncia. Além disso, o tom descritivo da leitura exige uma leitura pausada e articulada. Deve cuidar-se a entoação da frase final, pois indica a conclusão de todo o texto.

A segunda leitura não apresenta nenhuma dificuldade aparente, pelo que uma leitura pausada, com atenção às diferentes frases em discurso direto ajudarão a uma adequada proclamação do texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)